

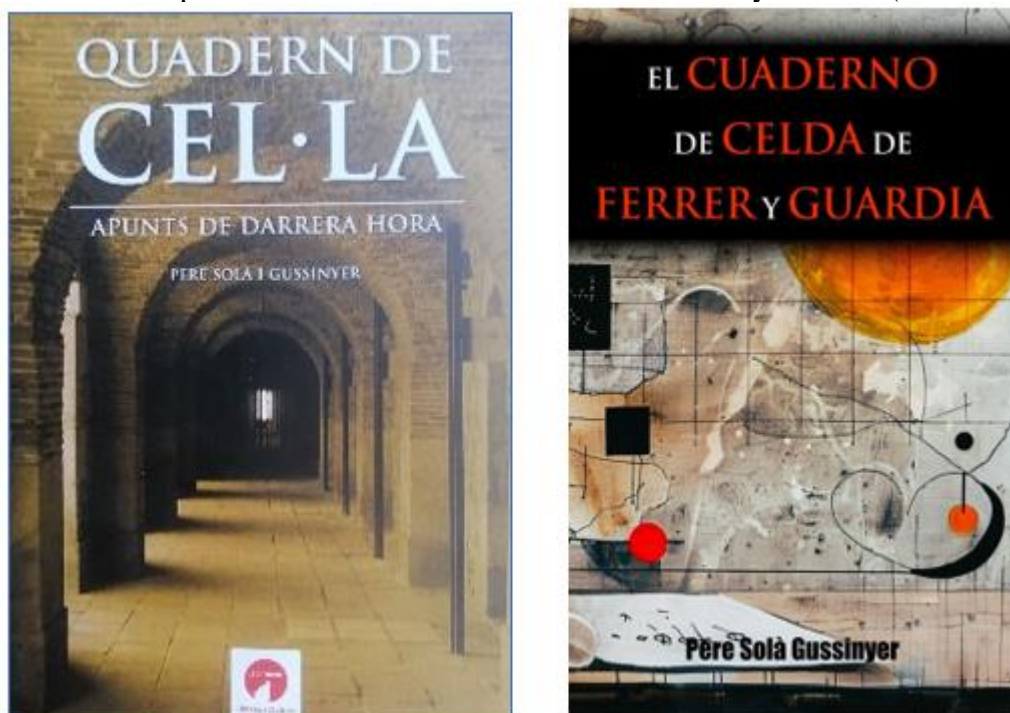
**RESENHA**

SOLÀ GUSSINYER, Pere. *El cuaderno de celda de Ferrer y Guardia*. [S.l.]: Independently published, 2024.

João Francisco Migliari Branco<sup>1</sup> 

**A ESCRITA NO CÁRCERE COMO TESTEMUNHO POLÍTICO: UMA LEITURA DE *EL CUADERNO DE CELDA DE FERRER Y GUARDIA***

**FIGURA 1** – Capas do livro *El Cuaderno de Celda de Ferrer y Guardia* (2021 e 2024)



Fonte: Amazon<sup>2</sup>.

**ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS MAIS ESPECÍFICOS DA OBRA**

*“Y añadió, este amigo con su elocuencia militante: en el futuro vendrán, si no nos espabilamos, burócratas, falsos gestores de los intereses del común, una especie de “papas” socialistas. [...] Y remataba su argumento*

<sup>1</sup> Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FE/USP, Brasil, [joaobranco@usp.br](mailto:joaobranco@usp.br).

<sup>2</sup> Disponível em: <https://a.co/d/aBeQIKL>. Acesso em: 04 de janeiro de 2026. Versão Catalã: SOLÀ GUSSINYER, Pere. *Quadern de cel·la: apunts de darrera hora*. Barcelona: Llop Roig, Llibres i Cultura, 2021. Versão em espanhol: SOLÀ GUSSINYER, Pere. *El cuaderno de celda de Ferrer y Guardia*. [S.l.]: Independently published, 2024.



*diciéndome disgustado que, en definitiva, la mita clerical había quedado sustituida por el sombrero de copa alta democrático, eso sí, siempre auxiliada y protegida, esta chistera, por el sable. 33*

*En cualquier caso, si me va mal, para muchos seré un símbolo de resistencia al autoritarismo[.]en héroe por antonomasia del pensamiento libre!”*

– Pére Solà Gussinyer<sup>3</sup>.

Em artigo publicado pela Revista RIDHPE em maio de 2021, intitulado “Historiar é narrar?”<sup>4</sup>, Solá<sup>5</sup> elencou as reflexões e a inquietude que resultaram em “Cuadernos de la Celda”; tratou-se de um processo largo e duradouro que reuniu a pesquisa sobre a vida, as ideias e a obra de Ferrer<sup>6</sup>, seu assassinato pelo Estado, as narrativas que podem contar a História:

aproveita as lições de uma experiência vital durante o severo confinamento em uma cidade como Barcelona (mas que poderia ser qualquer conurbação no vasto mundo) pela pandemia, para nos mostrar em que medida a "verdade histórica" e o “sentido profundo”, de um passado que nos desafia, podem ser potencializados pela narrativa ficcional, para além da verbosidade teórica e do alicerce documental da produção acadêmica ordinária (Solà Gussinyer, 2021, p. 1)

O “sentido profundo”, como não poderia deixar de ser, acrescenta várias dimensões à obra, a começar por este suspiro angustiado que move um trânsito fluido entre passado e presente e que responde pela preocupação com o nosso tempo, nos escombros da terrível crise sanitária que nos tocou em 2020 e nos anos posteriores. Tudo isso nos obriga, como destacado de forma sensível por Solá, a refletir sobre elementos que a obra aborda – e que tocam diretamente a pedagogia e suas formas libertárias de ensinar e aprender. É desta forma que “Cuadernos de la Celda” reúne temas tão amplos, dentre os quais apontamos a crítica ao militarismo, à Espanha clerical, ao autoritarismo e ao patriotismo, a valorização do comunismo

<sup>3</sup> SOLÀ GUSSINYER, Pere. *El cuaderno de celda de Ferrer y Guardia*. [S.l.]: Independently published, 2024.

<sup>4</sup> SOLÀ GUSSINYER, Pere. ¿Historiar es narrar?. **RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 7, n. 00, p. e021003, 2021. DOI: [10.20888/ridphe\\_r.v7i00.15193](https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v7i00.15193). Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/15193>. Acesso em: 10 jan. 2025.

<sup>5</sup> Catedrático em História da Educação na Universitat Autònoma de Barcelona, UAB, Espanha

<sup>6</sup> Professor e idealizador da Escola Moderna de Barcelona.



libertário e das liberdades individuais e coletivas, a igualdade de gênero, a co-educação dos sexos e o feminismo, a autogestão pedagógica e seu estreito vínculo com uma pedagogia voltada à infância; este é seguramente um dos grandes momentos da obra, onde o personagem que redige o manuscrito se debruça com profundidade sobre os processos educativos que elevam a condição da criança ao patamar de sujeito político, com autonomia plena, raciocínio maduro e responsabilidade política frente ao próprio tempo<sup>7</sup>.

Todos estes temas ganham relevo ao longo do livro e se destacam naturalmente, movimento também confirmado no epílogo que acompanha o trabalho de Solá, redigido por Alejandro Andreassi Cieri. É uma das interpretações que podem ser dedicadas ao “sentido profundo” do texto, que pode ser visto na preocupação de Solá em explorar, por meio do entrecruzamento entre narrativa histórica e ficção, as múltiplas camadas da Escola Moderna e seu trabalho pedagógico. Como o próprio autor revela em entrevista, a música é um destes elementos:

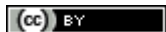
São elementos que emergem no romance, como a pedagogia da vida e da alegria, a avaliação do trabalho como elemento essencial da realização individual e colectiva, a pedagogia da solidariedade, ou a ideia de que as artes, a música e a dança, as artes plásticas, entre outros, devem fazer parte do currículo normal das escolas públicas. Basicamente, esses elementos fazem parte da realidade da prática pedagógica tal como entendida pelo fundador da Escola Moderna: a pedagogia socialista libertária da educação integral e o movimento escolar novo contribuíram com ideias e recursos educacionais que, se em algumas fases da história foram aplicados, agora eles foram bem esquecidos (Solà Gussinyer, 2021a, tradução nossa).

Aí reside um dos momentos que revelam a força do trabalho de pesquisa com a forma encontrada para “narrar a história”. E a música se sobressai, assim, como o fio condutor para realçar novamente toda amplitude da Escola Moderna, por exemplo na crítica contundente ao patriotismo e autoritarismo do Estado.

Y me parece que fue precisamente entonces cuando le dije que tenía que poner música, indefectiblemente, a algunos textos seleccionados para convertirlos en los cánticos oficiales de nuestros alumnos. Cantos que actuarían a manera de tarjeta de presentación sonora de nuestra propuesta de educación nueva, bien en sintonía con los tiempos modernos. Eso sí lo avisé: "Son canciones de guerra -y eso seguro de que no le gustará – que las tenemos en castellano". Y le recité, porque me lo sé de memoria, el poema subido de tono del exministro federal canario, la futura canción de los juguetes, que ina de esa guisa: “¡Oh, patriotismo, negra falsedad, /fuente y origen de la autoridad! De insano origen, cual la propiedad, / nace solamente la desigualdad.Os interrumpen en las

---

<sup>7</sup> Um elenco completo foi apresentado pelo próprio Solà no artigo mencionado anteriormente.



lecciones, / ya las campanas, ya los tambores, ya las cornetas, ya los cañones.  
/ ¡Hacen más ruido, los más innobles! (Solà Gussinyer, 2024, p. 215)

## **PRESOS NA PEDAGOGIA DO CAPITAL: ATUALIDADE E RELEVÂNCIA POLÍTICA E PEDAGÓGICA DA OBRA PARA A EDUCAÇÃO E PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

La palabra nosotros, cuando se imprime o se pronuncia en las pantallas, se ha vuelto sospechosa. Todo el tiempo la usan los que, detentando el poder, con demagogia dicen hablar por aquellos a quienes les niegan ese poder. Hablemos de nosotros pronunciando ellos. Ellos viven en una prisión.  
[...]En el siglo XVIII, al encarcelamiento de largo plazo se le definía, con gran aprobación, como ‘muerte civil’. Tres siglos más tarde, los gobiernos imponen, por ley, por fuerza y mediante el ajeteo de las amenazas económicas, regímenes masivos de “muerte civil (Berger, 2010).

Como foi possível combinar educação e confinamento e normalizar sua prática nos anos de 2020 e 2021? “*Cuadernos de la Celda*” confirma toda sua relevância ao nos trazer uma anatomia do autoritarismo, a partir da narrativa de um encarcerado solitário à espera da morte, um preso político que nos provoca a encarar o desastre do nosso próprio tempo: o da naturalização do confinamento, do isolamento e de políticas educacionais que, ao estabelecer a virtualização tecnológica como pedagogia de massa, excluiu milhões de estudantes dos sistemas de ensino em todo planeta. Naturalizou o princípio do descarte como matéria de educação, portanto; instaurou, assim, o regime de “morte civil” dentro de nossas práticas político-pedagógicas. Como afirma o poeta marxista John Berger,

En los *gulag*, los prisioneros políticos, categorizados como criminales, fueron reducidos a trabajadores esclavos. Hoy, millones de obreros explotados brutalmente son reducidos al estatus de criminales. La ecuación del *gulag*, que igualó criminal con trabajador esclavo, la redactó de nuevo el neoliberalismo igualando al trabajador con un criminal oculto.  
Todo el drama de la migración global está expresada en esta nueva fórmula: aquellos que trabajan son criminales en potencia. Cuando los acusan, son hallados culpables de intentar sobrevivir a toda costa [...]  
La prisión es ahora tan grande como el planeta y sus zonas asignadas varían. A veces se les dice sitio de trabajo, o campo de refugiados, centro comercial, periferia, *guetto*, conjunto de oficinas, favela, suburbio[...]  
Lo esencial es que en estas zonas todos están igualmente encarcelados y, por ende, son los compañeros presos (Berger, 2010, p. 56, grifos nossos).

É tristemente relevante que o diário do cárcere de um pedagogo libertário em regime de morte civil nos ofereça tantos elementos importantes para problematizar as questões atuais da Educação no mundo e no Brasil, que nos colocam face a face com a imposição de um modelo



ancorado na gestão da pobreza por meio da contenção social – e para isso, a educação pública vem sendo profundamente transformada, em sua função e em sua forma. Posto de outra forma: no regime de morte civil, quem se encarrega de educar e formar as classes trabalhadoras são especialmente aqueles que a controlam, seja pelo trabalho (o empresariado) ou pela repressão (as forças militares). Se o neoliberalismo redigiu a equação que iguala trabalhador a criminoso oculto, o modelo da Pedagogia do Capital radicaliza essa experiência. E aí se destaca a importância de “*Cuadernos de la Celda*”, exatamente para demarcar essa diferença. Como afirma Solá:

Abordagens tecnocráticas e neoliberais são impostas aos centros onde os formadores são formados. Disciplinas críticas como História da Educação são consideradas disciplinas quase desnecessárias na formação de professores. A avaliação do pensamento livre, do pensamento crítico e da pedagogia da solidariedade das classes populares e a ideia de que a educação é uma poderosa alavanca de transformação social, tudo isto é considerado perigoso e relegado aos confins da utopia. Basta ver quantas universidades públicas dos países catalães aproveitaram o centenário do assassinato legal de Ferrer para organizar jornadas de estudo sobre a validade ou obsolescência da Escola Moderna (Solà Gussinyer, 2021a, tradução nossa).

Por isso, os apartados destinados à Pedagogia da Infância são tão importantes na obra. Na palavra do pedagogo encarcerado, trata-se de dar “*voz a los niños*”. Excelente composição para se contrapor, por sinais trocados, ao frenesi apregoado pelos *experts* em educação das organizações empresariais, que repetem a cantilena do protagonismo juvenil. O problema é que vivemos um período histórico estranho, no qual a captura da palavra e sua reconceituação são instrumentos políticos de dominação. É o tempo das “palavras plásticas”, como aponta o linguista Uwe Poerksen (1995): as palavras são proferidas com significados vagos, imprecisos e principalmente invertidos; isto é, expondo o oposto do que apregoam, um movimento decidido de “tirania”. E por aí passa a armada do protagonismo juvenil. Segundo a socióloga Regina Magalhães, trata-se da construção do discurso sobre uma juventude sem voz; um discurso em nome da juventude mas não dela, portanto. Para a autora, na retórica política do protagonismo juvenil, estes pontos se destacam: é um discurso voltado à população pobre, por meio do fomento ao empreendedorismo e ao trabalho precarizado, onde a sociedade é entendida como um aglomerado de indivíduos atomizados e apartados, sem nenhum interesse em compartilhar um espaço público comum.

O aglomerado de atores sociais compõe a atual sociedade civil, noção bem diferente daquela construída em oposição ao regime militar. Não há um



propósito coletivo que reúna os indivíduos, e o espaço público é transformado em cenário em que atores sociais atomizados – indivíduos, empresas, organizações sociais e Estado (um ator social entre outros, considerado, porém, ineficiente na resolução dos problemas) – negociam e defendem interesses. A divisão de classes e as contradições são ocultadas; os conflitos e desigualdades cedem lugar à diversidade de interesses. O discurso homogeneíza o social.

Essa concepção de sociedade – como um aglomerado de atores sociais em atuação num cenário – é a base do discurso sobre o social presente em boa parte dos textos acadêmicos, governamentais e de organizações sociais hoje em dia (Magalhães, 2009, p. 9).

Veremos na sequência o quanto isso se diferencia dos propósitos da Escola Moderna, que são bem exploradas por Solá em “*Cuadernos de la Celda*”. Se nesta, a perspectiva aponta para a emancipação coletiva que questiona um regime autoritário e excludente por meio do comunismo autogestionário, no protagonismo juvenil da Pedagogia do Capital a lógica é invertida e o foco é a integração ao neoliberalismo por meio do engajamento em projetos educativos que não são escolares muito menos estudantis, mas das empresas que sequestram o trabalho pedagógico. Em outras palavras, destaca Magalhães, se caracterizam pela negação da palavra transgressora – e isso é tudo menos protagonismo juvenil. Assim, a política é anulada e trata-se de: 1) da prescrição de fazer coisas como forma de participação; 2) de um discurso que forja o consenso e impede a fala autônoma e transgressora. Para Magalhães, é um deslocamento de eixo: em vez de ruptura, a chave é inclusão/ exclusão centrada na política pública. Sendo assim, conclui Magalhães, não há espaço para alternativa a não ser criar meios de participar da gestão no capitalismo:

O discurso forja um consenso uma vez que impede a palavra transgressora (cf. TELLES, 1999, p. 180-86). Sem a palavra transgressora não há como inaugurar uma maneira alternativa de explicar a vida social, produzindo um contradiscurso. Não há possibilidade de interpelação do estabelecido, de contestação (de critérios, princípios e regras) e reivindicação (de direitos que já não estejam previstos como serviços). Não há possibilidade de criação e participação no poder. Não há possibilidade de intervenção no rumo dos eventos, portanto, de ação política. O consenso anula a política e dissimula a dominação[...]O discurso não se exhibe como discurso, mas aparece como se emanasse do seu próprio objeto e, nesse sentido, poder-se-ia dizer que o protagonismo juvenil é o discurso da juventude. Mas o protagonismo juvenil é também o discurso da juventude sem voz, dada a ausência da palavra autônoma que lhe permitiria a sua constituição como sujeito (Magalhães, 2009, p. 15-16).

Reformas de arquitetura curricular, como a BNCC e o Novo Ensino Médio, são instrumentos para consolidar este consenso fabricado e alargar o abismo que divide educação e



conhecimento. Assim, o que se vê nestes tempos brutos é uma educação que separa os estudantes da verdadeira instrução integral para aprisioná-lo em uma lógica de sequências instrumentais focadas no comportamento e nas atitudes do jovem. É o que conforma tanto os itinerários formativos quanto as competências socioemocionais que estruturam a Base, cheia de penduricalhos como resiliência, amabilidade e autogestão individual; uma novilíngua perversa que oculta que a “resiliência” é para sobreviver em um mundo hostil e sem trabalho, a “amabilidade” é com o padrão explorador e a “autogestão” escamoteia a constituição de sujeitos ultra-individualistas e competitivos em uma sociedade que esfarela em meio à proliferação do trabalho sem forma.

Seria isso “dar voz a los niños”? Em “*Cuadernos de la Celda*”, assim escreve o protagonista: “*los niños, tratados autónomamente y con espíritu democrático, maduran correctamente*” (Solà Gussinyer, 2024, p. 191). Trata-se de “outorgar responsabilidades” (Solà Gussinyer, 2024, p. 193). Aí reside o significado profundo da autonomia: ela é um princípio coletivo e requer a capacidade de tomar decisões, definir seus meios e os fins. É um processo político, e por isso “*Cuadernos de la Celda*” dedica tanta ênfase em destacar os *niños* como sujeitos políticos; e, nos parece, para que tenham a capacidade de criar a palavra transgressora onde reina o autoritarismo: “*Hay que dar voz a los niños. Hay que instituir un sistema democrático a los ambientes educativos, de manera que tanto cuente la voluntad del maestro como la del alumno.*” (Solà Gussinyer, 2024, p. 194)

Assim, por meio de sua narrativa, Solá faz transparecer o trabalho pedagógico da Escola Moderna voltado à descoberta dos estudantes, sua análise crítica e suas conclusões.

Recuerdo que otro alumno, no sé si una niña, escribió más o menos eso: ‘algunos profesores pueden pensar que nuestro cerebro todavía no está lo suficientemente desarrollado para tener estos tipos de pensamientos, no digo que no pueda ser..., pero si a un niño le dan siempre explicaciones racionales, llegará a tener tanta o más inteligencia que algunas personas mayores...’. Todo ello para que se entienda, con palabras de niños, que no tiene mucho sentido excederse en proteccionismo hacia la infancia. Si te empeñas en tratar al educando como un menor, será menor toda la vida. Estamos hartos de ver a adultos que no han dejado nunca de ser infantiles en su conducta, siempre pendientes y dependientes de alguien que los manipula, con más o menos sutilezas, cual marionetas! Conclusión: los niños, tratados autónomamente y con espíritu democrático, maduran correctamente. (Solà Gussinyer, 2024, p. 191).

Por isso, não só o Estudo do Meio aparece com seu lugar de devida importância pedagógica, especialmente na referência aos estudos e visitas às fábricas e o conhecimento sobre o mundo do trabalho e a cidade, como os “outros aspectos substantivos da pedagogia”



(como bem define o autor) circulam ao longo do texto e delineiam sua gramática: o “Reino da Autonomia” (p.212), a importância de fazer comunidade, sendo esta constituída pela solidariedade operária (p. 223); a preocupação em repartir a experiência (p.324). E que tem o cuidado de manter a Revolução no vocabulário: “*sin un cambio social radical, la situación de los pobres y oprimidos no iba a experimentar la necesaria transformación requerida*” (SOLÁ, 2024, p. 309).

Trata-se de seguir o processo natural de desenvolvimento das crianças, aponta o autor do manuscrito; de mover um “Racionalismo idealista” observando os princípios de Eislander, elementos estes que “*Cuadernos de la Celda*” se preocupa em destacar. Nestes, novamente emerge a pedagogia substantiva da Escola Moderna, deixando visíveis à criança as razões e objetivos de seu esforço, a mútua compenetração entre as atividades físicas e intelectuais (tão caro à instrução integral), a concatenação lógica das atividades, o trabalho pedagógico exercido sem coerção, portanto sem exercer carga sobre estudantes (Cf. Solá, 2024, p. 344). Ainda quanto aos princípios, destaca-se o resgate do trabalho como princípio educativo: este é “fonte de realização pessoal e coletiva” (idem). Na pedagogia da Escola Moderna, o trabalho assume outro léxico, não pautado pela alienação, exploração e desumanização. O trabalho é impulso criativo, de construção coletiva e, sendo assim, fonte de conhecimento: “*todo trabajo tendrá un poco de creatividad*” (idem). Atravessada pela crítica à velocidade do tempo, que nos acelera e nos afasta do pensamento reflexivo, “*Cuadernos de la Celda*” não deixa de nos provocar com um tom premonitório do protagonista, alertando para os perigos da escalada tecnológica e especulando sobre um futuro no qual a máquina supera a humanidade e a técnica esmaga a sabedoria, como se ele soubesse do cerco tecnológico que as plataformas das Big Techs impõe à escola pública hoje. Por fim, a dúvida em relação ao progresso é posta em relevo – pois a própria valorização que Ferrer apregoava sobre o trabalho de Reclus e os vínculos da humanidade com a natureza permitem aproximar o pedagogo catalão da crítica ao colapso climático que estamos vivendo, 100 anos depois.

Não cabe dúvida se há atualidade em “*Cuadernos de la Celda*” e na Escola Moderna. Seu componente extemporâneo é visível, se entendermos que o espaço para se rebelar, contestar e se organizar contra as estruturas de opressão e para lutar por libertação ainda existam. Pois esse é um fato: por mais que a hegemonia da pedagogia do Capital interdite a transgressão, por mais que as desilusões políticas ofereçam um caminho de resignação com uma “sociedade apática”, a perspectiva revolucionária não está enclausurada em um passado morto. Há, sim, muita repressão e controle; mas, como afirma Vaneigen, os ventos da liberdade “renascem sem cessar”. Estiveram em Santos em 2024, quando secundaristas novamente ocuparam a escola



pública e resgataram a primavera de 10 anos atrás; as lutas recentes de estudantes grevistas em diversas partes do planeta, questionando o sentido de educar se não haverá mundo pós crise climática; os protestos e a pressão contra o Novo Ensino Médio em 2023, afastando o sentimento generalizado de despedaçamento da esperança. A questão é a resposta própria que docentes e movimentos sociais podem dar aos sempre renovados ciclos de revolta, e aí repousa mais uma relevância atual para o trabalho de Solá. A contra-corrente segue a se mover; e a História, por meio de suas diversas narrativas, comprovam que modelos pedagógicos pertinentes ao sentimento profundo de revolta foram e são reais.

Por que não tiveram sequência? Justamente por conta do aparelho repressor. Assim, “*Cuadernos de la Celda*” também é atual e também é relevante porque trata-se de uma obra extemporânea: uma denúncia contra o militarismo eternamente em voga, este que nos ameaça dramaticamente ao se completar o primeiro quarto de século XXI. É a era de ascensão do Estado Policial Global, nas palavras do sociólogo William Robinson, um modelo de governabilidade pautado pela contenção da “humanidade excedente”. Não há espaço para todos e todas neste planeta, muito menos trabalho: cabe à sociedade militarizada do século XXI assegurar que cada um saiba o seu lugar. O que resta à educação? Formar jovens que aceitem o fim do trabalho enquanto tal – e que para isso mesmo precisam trabalhar infinitamente de forma precária e intermitente, pois é a única forma possível de serem sustentáveis em um *WorkFareState* (Wacquant, 2008) que só não desmorona de vez por conta da brutalidade policial. A crítica radical ao militarismo, por fim, se estende ao empresariamento da educação, em um modelo que talvez nem ser chamado de escola mereça se levarmos as coisas a sério, pois neste espaço quem está a gerir e formar a juventude e trabalhadores são, em forma combinada, justamente aqueles que a violentam: empresários e militares. Quais nossas respostas próprias para isso? Longe de receitas, talvez estejam nas referências e na relevância daqueles que já vieram e criaram seus modelos pedagógicos autônomos e contra-hegemônicos; e que, por mais que tenham pago o preço alto da audácia, oferecem uma proposta que pode nos fazer chegar além das ruínas atuais do tempo que nos foi dado:

Sé que van a matarme, no por ser quien soy, sino por la idea que represento y por la fuerza arrolladora de mi mensaje de libertad y manumisión.  
Una idea y un mensaje no exclusivos míos sino de millones. Es lo que expresa el poeta Friedrich Schiller en el célebre coro de Ludwig van Beethoven:  
‘Un gran abrazo, multitud! Que este beso llegue al mundo entero! Hermanos! Encima de la bóveda estrellada, debe vivir un padre amoroso!  
Para mí este padre amoroso es la humanidad educada de forma libre y solidaria, que resiste, que lucha, que no se resigna...’ (Solà Gussinyer, 2024, p. 441).



## REFERÊNCIAS

BERGER, John. *Compañeros Presos. Seminario de reflexión e análise, realizado en San Cristóbal de Las Casas nos días 30 e 31 de dezembro de 2009 e 1 e 2 de janeiro de 2010. Revista Rebeldía.*

MAGALHÃES, Regina. “Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz”. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, 1(1): 1-28, 2009.

POERKSEN, Uwe. *Plastic Words. The Tyranny of a Modular Language.* Pennsylvania State University, 1995. Disponível em: <https://www.adamtowsend.me/wp-content/uploads/Plastic-words.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ROBINSON, William. *Global Capitalism Extermination Impulse.* Disponível em: <https://thephilosophicalsalon.com/global-capitalisms-extermination-impulse/>. Agosto de 2024. Acesso em: 09 dez. 2024.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. *Educació i moviment llibertari a Catalunya (1901-1939).* Barcelona: Edicions 62, 1980.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. *El cuaderno de celda de Ferrer y Guardia.* [S.l.]: Independently published, 2024.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. *Francesc Ferrer i Guardia i l'escola moderna.* Barcelona, Curial, 1978.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. *¿Historiar es narrar?. RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, Campinas, SP, v. 7, n. 00, p. e021003, 2021. DOI: [10.20888/ridpher.v7i00.15193](https://doi.org/10.20888/ridpher.v7i00.15193). Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/15193>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. “**La novel·la vol descriure el fer i el ser d’un lluitador social contemporani com Ferrer i Guàrdia**”. Entrevista com Pere Solà. Novembro de 2021a. Disponível em: <https://blog.ferrerguardia.org/2021/11/entrevista-a-pere-sola-la-novella-vol-descriure-el-fer-i-el-ser-dun-lluitador-social-contemporani-com-ferrer-i-guardia/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. *Las escuelas racionalistas em Cataluña (1909-1939).* Barcelona: Tusquets, 1978.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. *Quadern de cel·la: apunts de darrera hora.* Barcelona: Llop Roig, Llibres i Cultura, 2021b.

WACQUANT, Louis. *O lugar da prisão na nova administração da pobreza.* Em: **Novos Estudos** 80. Março 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/4pLhLSn6R8h5kSMthj4p5nJ/?format=pdf>. Acesso em: 13 jan. 2025.



Recebido em: 30 de janeiro de 2026.

Aceito em: 06 de abril de 2026.